

**BREVE NOTÍCIA que dá o Capitão Antonio Pires de Campos do gentio bárbaro que há na derrota da viagem das Minas do Cuiabá e seu recôncavo, na qual declara-se os reinos a que chegou e viu por maior, sendo em tudo diminuto porque seria processo infinito se quisesse narrar as várias nações nos mesmos usos e costumes, trajos e vantagens que fazem e menos numerá-los, por se perder o algarismo, principalmente no dilatado reino dos Parecis tão extenso e dilatado e seus habitantes por extremo asseadíssimos e estáveis e tão curiosos que podem competir com as mais das nações do mundo no seu tanto e dos que aqui não faz menção, o farão outros mais curiosos que ele. Se o faz do que a experiência lhe tem mostrado no decurso de tantos anos até o dia 20 de maio de 1723**<sup>1</sup>

Principia a falar do Rio Grande<sup>2</sup>, porque do Rio Tietê que é o primeiro que se navega, saindo de Povoad<sup>3</sup>, e tem de navegação um mês, o não faz por não haver nele gentio, e falando do Rio Grande (em que mete o Tietê e perde o seu nome) navegando por ele acima, se dá em um riacho chamado Parnaíba, e por ele acima habitam o gentio chamado Caiapó. Este gentio é de aldeias, e povoa muita terra por ser muita gente, cada aldeia com o seu cacique, que é o mesmo que Governador, a que no estado do Maranhão chamam Principal, o qual os domina, estes vivem de suas lavouras, e no que mais se fundam são batatas, milho e outros legumes, mas os trajes destes bárbaros é viverem nus, tanto homens como mulheres, e o seu maior exercício é serem corsários de outros gentios de várias nações e prezarem-se muito entre eles a quem mais gente há de matar, sem mais interesse que de comerem os seus mortos, por gostarem muito da carne humana, e nos assaltos que dão e presas que fazem reservam os pequenos que criam para seus cativos; as armas de que usam são arcos muito grandes e flechas muito compridas e grossas, e também usam muito de garrotes, que é pau de quatro ou cinco palmos com uma grande cabeça bem feita, e tirada, com os quais fazem um tiro em grande distância, e tão certo que nunca erram a cabeça; e é a arma de que mais se fiam e se prezam muito dela. Este gentio não usa por em guerra, como fazem outros, tudo levam de traição e rapina, e nas suas campinas

1 - Tudo indica essa data estar errada, vez que, no texto, o autor menciona os anos de 1725, 1726 e 1727, como datas de ataques de índios Paiaguás. Portanto, as suas memórias vão além de 1723, como explicita no imenso título. Assim, certamente por erro de leitura do manuscrito, foi colocada a data de 1723, quando na realidade deveria ser o ano de 1728.

2 - Atual rio Paraná.

3 - POVOADO: era assim chamada, até fins do século XVIII, a vila de São Paulo.

cursam muita terra de outros gentios a quem causam muitos descômodos com as suas traições; este próprio gentio chega a fazer dano ao rio chamado Taquari.

Rodando pelo Rio Grande abaixo se passam duas barras, a primeira se chama Guacuruí, a segunda barra chamada Rio verde, estes dois rios não têm gente habitante neles, mas são curçados e batidos do mesmo gentio Caiapó, e para baixo temos a barra do rio Pardo, todas elas são da parte direita, subindo por ele acima se dá na barra di rio Nhanduí da parte esquerda, e por ele acima habita o gentio chamado Guadaxo<sup>4</sup> e sem embargo que estes tenham mantimentos não são de aldeias, mas vivem de corso e montarias, as suas armas, de que usam, são arcos e flechas e usam muitos laços para as calças. Os trajes destes gentios, os homens andam nus, as mulheres usam de seus reparos de palhas; estes só têm algumas guerras com os Caiapós que até lá alcançam e por todo rio Pardo e Camapuã e Guichum, nã há outra nação de gentio habitante, porque os ditos Caiapós tudo infestam por donde têm feito consideráveis danos, assim em barcos e escravos, como nas canoas dos viandantes e mineiros que passam para as Minas do Cuiabá, fazendo despovoar todas as roças que já haviam no rio Taquari, matando maior parte da gente e queimando-lhes as casas, fazendo-lhe despovoar aquele rio e o mesmo fariam em Camapuã se os roceiros não estivessem já perdido as mãos do gentio mais de vinte escravos, e proximamente mataram quatro escravos a [...] Vieira do rio que estava na roça do Nhanduí Mirim que faz barra no rio Pardo.

Taquari - Por este rio habitou muito gentio, e habita parte dele abaixo, tanto de uma banda como da outra, e sem embargo de que este gentio tenha uma mesma língua nos nomes dos caciques, são diversos os apelidos, o maior lote que houve é chamado Achihanes e o outro Escolherez e outro lote Cazoyas, estes assistem à beira do rio do dito Taquari e pelaterra a que chamamos vargens onde habitam várias nações de gentio chamados chicaocas, Hahunos, Juniacas, Tiquinitoz, todos estes são de uma língua e de um traje, e no viver não diferem uns dos outros, vivem de montarias, algumas lavouras que tem mandioca e suas batatas coisa mui pouca, e gente sem aldeias nem lugar certo, e andam sempre após de boas montarias; os trajes é andarem os homens nus, e as mulheres com seus reparos de palha, estes algumas guerras têm entre si por desconfiaças que há entre eles, as armas são arcos, flechas e lanças. Estes gentios em sentido brancos em suas

4 - No presente trabalho, Pires de Campos nos nomeia nada menos do que 84 nações, tribos e "lotes", como o próprio autor se refere. Achamos que deva ter relacionado aí, também o nome de aldeias pertencentes há "ma mesma tribo ou nação".

terras unem-se todos como uma paz geral para darem guerra aos brancos, coco tem feito por muitas vezes apresentando batalha campal e destas guerras têm padecido muitos brancos.

Detrás deste rio Taquari, passa outro chamado o rio Claro, este vai dar no rio chamado Botetehu<sup>5</sup> e neste rio Claro habitam bastante lotes de gentio; o primeiro lote chama-se Abathibe, outro lote Chiquiaez, outro lote Humegay, este vivem de seus mantimentos, mas mui poucos, o dito mantimento é mandioca e batatas, e pouco milho e alguma cana de açúcar que desta paragem veio no princípio para os engenhos que nestas minas se acham, e muitos bananais, vivem embarcados, as suas armas são arcos e flechas e lanças; estes algumas guerras têm com os Paiaguás, e alguns encontros com os cavaleiros chamados Guaicurus de onde têm eles grande diminuições de gente, e sanguinolentas guerras, os trajes é como os acima nomeados .

O rio chamado Botetehu, cujas cabeceiras vêm dos campos da Vacaria<sup>6</sup>, nestes vêm dar outro rio chamado Araquazue, e por este rio algum lote de gentios, também embarcados, a saber: Avahuai, Ahins, estes sendo de uma nação e de uma língua, estão em muitos lotes, nas armas e nos trajes não tem diferença dos outros, e também guerreiam com os Paiaguás e Cavaleiros; estes três rios param-se em um só, o qual se chama Botetehu, o rio Claro e o Araguahu, todos estes fazem barra no Paraguai. Abaixo desta barra habitam os gentios Paiaguás, cujas as suas moradas são sempre andarem embarcados e não terem domicílio certo, não mais que como corsários rio abaixo e acima a ver se tem encontros aonde se aproveitem, fazendo suas emboscadas nas voltas dos rios, aonde fazem, e tem feito grandíssimos danos aos brancos que navegam ao dito rio Paraguai, matando no ano de 1725 a Diogo de Souza Araújo e a uma negra e um moleque, e no ano de 1726 unidos com os cavaleiros acometeram no rio Taquari a uma tropa e por não poderem vadear o rio, foi esta bem sucedida, por virem os inimigos sem canoas; no ano de 1727 acometeu o dito Paiaguá no rio Paraguai a uma tropa de mineiros que contava de mais de trinta canoas e trazendo só dez bem equipadas, acometeram duas nossas que roubaram matando a Miguel Antunes, Manoel Lobo e dez escravos levando um menino branco cativo e por misericórdia de Deus não levaram todas as canoas. Este gentio consta

5- Rio Mbotetê, hoje denominado rio Miranda, em Mato Grosso do Sul.

6 - Assim denominada uma grande extensão de campos nativos, no atual Mato Grosso do Sul, onde, no século XVIII, se encontrava muito gado selvagem, descendente daqueles trazidos pelos primeiros conquistadores espanhóis ainda no século XVI.

dos lotes grandes, que demandam todos unidos de muita gente e os cavaleiros chamados Guaicurus companheiros e amigos com eles andam por terra, e os ditos pelos rios, de quais a quais, mais mal hão de fazer. O vestuários dos Paiaguás é viverem os homens nus, e as mulheres embuçadas com panos que fazem de algodão a modo de mantas que é o mesmo que mantilhas, estes vivem de montarias do rio, em que são destríssimos, que fazem vários tiros, enquanto da nossa parte se faz um, pelejando em canoa se lançam a água, levando uma borda dela debaixo d'água e com o fundo fazem rodela para repararem as balas, e no mesmo instante que parece coisa invisível, tornam a endireitar a canoa, e a fazer novos tiros e se acham grande resistência, e sentem pouco partido no mesmo instante alagam as suas canoas e desaparecem por baixo d'água, e antes de passar muito tempo as tornam a desalagar e fogem navegando com tal velocidade que parecem levam asas.

Os cavaleiros chamados Aicurus<sup>7</sup> vivem também de montaria, andam sempre a cavalo com seus arreios, e em lugar de selas, trazem lombinhos, e são tão fortes que fazem as maiores vantagens assim por andarem sempre a cavalo, como por serem os cavalos andaluzes<sup>8</sup>, e os melhores que se tem visto, e se tem observado que este gentio tem as pernas arqueadas e compridas, sendo a maior parte deles curtos do corpo, mas mui socados e largos das espáduas, e pela passagem que lhe dá o gentio Paiaguá para a outra parte, nas suas canoas no rio Paraguai fazem cruel guerra a outros gentios. E também a algumas povoações de castelhanos que por se livrarem das suas hostilidades, e grande número de cavaleiros lhe pagam tributos, levando cada um 4 ou 5 cavalos a destra. Costumam andar nus. As suas armas são lanças, garrotes e laçadas, com que fazem grandes tiros não só a seus contrários, mas a caças e feras. Cursam até o rio Araquai, rio de Botetehuco, rio Claro e todas as vargens do Taquari, e por todos estes distritos, andam fazendo grandes destruições em todo o gentio nomeado até onde podem alcançar com a sua cavalaria em que recebem pouco dano, subindo da barra do Botetehu pelo Paraguai acima. Corsam os Paiaguás até o rio dos Porrudos, e daí para cima pelo dito rio Paraguai habitam muitos lotes de gentio, chamado o primeiro lote Guató, outro Caracará, outro Guacharapos, outro Surucuha, Guacamão e outros Cuavacá e Tuque; estes todos vivem embarcados, gente de corso e sem aldeias. Vivem de montarias, o seu maior sustento é do muito arroz<sup>9</sup> que colhem no seu tempo em forma

7 - Aicurus ou guaicurus, ou ainda, índios cavaleiros.

8 - Esses animais usados pelos Guaicurus, são descendentes dos cavalos trazidos pelos conquistadores espanhóis no século XVI, que eram de raça da raça Andaluz. Portanto, descendentes desses primeiros animais andaluz, está a denominada raça Pantaneira

9 - As crônicas e relatórios de viagens do século XVIII, falam muito de arroz nativo que abundava no pantanal, que muito servia, tanto aos índios, como pioneiros viajantes dessa região que demandavam às minas cuiabanas.

que lhe chega para passarem o ano, e o mais sustento é do rio pelo muito peixe que pescam e capivaras que matam que são os porcos d'água, jacarés e Jucuris que são umas cobras de estranha grandeza e todas as mais imundícies que deu os pantanais, nos quais cria Deus o arroz sem mais cultura que a da natureza e são estes pantanais tudo terra alagada, que fará de caminho mais de quinhentas léguas, e com as enchentes dos grande rios que se vem juntar no rio Paraguai, represam as águas, de sorte que faz um mar oceano, e se não se conhecem as madres de tão caudalosos rios no tempo de seis meses, que dura a sua enchente, fazendo-se deste tempo a navegação para as Minas do Cuiabá com mais gosto e brevidade, havendo bons práticos e no tempo da enchente se colhe o arroz, crescendo a sua palha a medida das enchentes enquanto não amadurece. Os trajes de todos estes gentios é andarem nus, e as mulheres com os seus reparos de fio de algodão franjados, e estes todos têm concurso com os Paiaguás, mas sempre receosos das suas traições. As armas são arco, flechas e lança. Subindo pelo mesmo Paraguai acima em passando uma baía muito grande chamada Hiahiba<sup>60</sup> se acha uma cruz de pedra<sup>61</sup> que por tradição deve ser posta pelo Apóstolo S. Tomé, passada a dita baía fica uma ilha de morro onde habita o gentio chamado Ahiguás e Crururus; estes dois lotes cada um é diferente nas línguas e nos trajes, vizinhos inimicíssimos um lote do outro, vivem em guerra atuais, comendo-se uns aos outros, e as suas armas iguais, arco, flecha e lança; e também embarcações e vivem de suas montarias, os homens andam nus e as mulheres com sua tipóias, que é o mesmo que um saco com duas bocas que as cobre do pescoço até os pés; estes são os Ahiguez e os Crucaniz, os homens nus com o mulhero coberto de palhas tecidas.

Entra outra nação chamada Haiucares, este vivem de curso, nos trajes e armas como os mais, andam embarcados, e tem guerra com a nação chamada Guarecis, que também andam embarcados, os mesmos trajes e armas. Plantam algum milho muito pouco e o mais tempo se sustentam de montaria, e andam em dois lotes. Vizinhos a este rio acima morou o gentio chamado Saraiez, esta nação é reino repartido em muitas aldeias, em uma delas se contaram novecentas e tantas choças, gente mui limpa e asseada, no seu viver pouco ocioso e mui grandes lavradores, assim viviam muito

10- Lagoa Gaiva, localizada na divisa entre os estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, tendo um varadouro até encontrar as águas do rio Paraguai.

11 - Nas margens dessa lagoa, a 6 de janeiro de 1543 foi fundado Puerto de los Reyes, pelos conquistadores espanhóis comandados pelo Adelantado Domingo Martínez Irala. Foi o primeiro povoado fundado em terras hoje mato-grossenses. Talvez essa cruz de pedra mencionada e vista pelo autor Antonio Pires de

Campos, possa ser um marco lá colocado pelos espanhóis ainda no século XVI, e ainda em pé nos princípios do século XVIII.

abundantes de mantimentos e outras farturas que lhe permitiam os seus países, e muito pacíficos vivendo com o mais gentio de paz, que nunca se soube pusesse guerra a ninguém e todos estes viviam em terra firme aldeados; os nomes deles são os seguintes: Manuí, Curataré, Guaçadacurí, Oticotó, Sana, Creiguá, Verodosano e outras mais nações, que me não lembro, e marchando dois dias acima da faz barra o rio chamado Iahuri, e por ela acima habitam a nação chamada Caraveré, outro lote chamado Iuparã, estes vivem em aldeias, fabricam mantimentos e falavam a língua geral, suas armas arcos, flechas e vivem também em terra firme, os homens se vestem de marlotas e o mulhério de tipóias, estes mesmo vivem em guerra com outra nação chamada Tembez, horrendos, e da mesma língua, e vivem em guerras atuais uns com os outros; estes chamados Tembez se sustentam em carne humana, e são também de aldeias, cultivam mantimentos, gente muito guerreira e também fazem suas entradas ao gentio Parecis, com o interesse de os prisionarem para comer, estas nações moram pelo Jauru acima.

Subindo mais pelo Paraguai acima, nele habita a nação Aravirá, Guahonez, Caipanes, Araparis, Itaporis, todas estas nações vivem de corso, sem aldeias nem tem mantimentos, o seu uso de pelejar uns com outros, é tudo de traições, e armas arcos, flechas e porretes, e comem também carne humana<sup>12</sup>. Estes gentios também, habitam o rio Hicipotiba que vem entrar no de Paraguai, e nas cabeceiras deste rio mora um lotão de gentio chamado Iorauhaha de boa língua, e com este lote, tinham os acima ditos excessivas guerras, estes também faziam suas entradas ao gentio do reino Parecis e dos que apanhavam os comiam, e nos dias que tinham algum padecente se preparavam com grandes festas, e faziam seus batizados, em mudarem seus nomes, causado isto da muita alegria que nestes dias tinham e rematado este rio de Hicipotiba<sup>13</sup>, se dá em chapadas mui grandes e dilatadas.

## REINO DOS PARECIS<sup>14</sup>

Naquelas dilatadas chapadas habitam os Parecis, reino mui dilatado e todas as águas correm para o Norte. É esta gente em tanta

12 - Nota-se que é muito grande a quantidade de índios canibais mencionados pelo autor, existentes em Mato Grosso, no século XVIII. Apesar de abalizada a opinião de Antonio Pires de Campos, não acreditamos em tantas tribos canibais assim.

13 - Rio Sepotuba, afluente do rio Paraguai.

14 - Os índios Parecis estão no chapadão do mesmo nome, acima do vale do Guaporé. Desta forma, para ir até essa tribo, conforme seu testemunho dizendo que lá esteve, Antonio Pires de Campos deve ter escalado esse chapadão pelo vale do rio Guaporé, e dessa forma, por pouco ele não descobriu as fabulosas Minas do Mato Grosso, pelo menos 7 anos antes dos irmãos Paes de Barros o tê-lo feito em 1734.

quantidade, que se não podem numerar as suas povoações ou aldeias, muitas vezes em um dia de marcha se lhe passam dez e doze aldeias, e em cada uma destas têm dez e até trinta casas, e nestas casas se acham algumas de 30 até 40 passos de largo, e são redondas de feitio de um forno, mui altas e em cada uma destas casas, entendemos agasalhará toda uma família; estes todos vivem de suas lavouras, no que são incansáveis e é gentio de assento, e as lavouras em que mais se fundam são mandiocas, algum milho e feijão, batatas, muito ananases e singulares em admirável ordem plantados, de que costumam fazer seus vinhos, e usam também cercar de rio a rio o campo, entre esta cerca fazem muitos fogos, em que caçam muitos veados, emas e outras coisas muito mais castas; estes gentios são guerreiros e só se defendem quando os procuram; as suas armas são arcos e flechas e usam também de uma madeira muito rija e dela fazem umas folhas largas que lhes servem de espadas e também têm suas lanças mas pequenas, e com elas defendem suas portas para o que fazem as ditas portas tão pequeninas que para se entrar é necessário ser de gatinhas, e também usam este índios de ídolos; estes tais têm uma casa separada com muitas figuras de vários feitios, em que só é permitido entrarem os homens, as tais figuras são mui medonhas, e cada uma tem sua buzina de cabaço que dizem os ditos gentios, serem da figuras, e o mulherio observa tal lei, que nem olhar para tais casas usam, e só os homens se acham nelas naqueles dias de galhofas, e determinados por eles em que fazem suas danças e se vestem ricamente. Os trajes ordinários deste gentio é trazerem os homens uma palhinha nas partes verendas, e as mulheres com suas tipoinhas a meia perna, cujos panos fazem elas mesmas de teçume de penas e de ricas cores, com muita curiosidade e labores de várias castas e feitios, e a curiosidade nos machos e fêmeas é por extremo, muito asseados e perfeitos em tudo que até as suas estradas fazem mui direitas e largas, e as conservam tão limpas e acertadas que se lhe não achará nem uma folha. Este gentio feminino é o mais parecido que se tem visto porque são muito claras e bem feitas de pé e perna, e com todas as feições perfeitas, e tão ágeis e habilidosas que nada se lhes mostra que não imitem com a maior perfeição, e o mesmo se acha nos homens. Costumam criar araras, papagaios e outros pássaros em casa como quem cria galinhas, e os depenam e lhe dão com tintas que fazem de diversa cor como querem que depois lhe saiam as penas, e em eles saindo em estando com conta as tiram para as suas obras que fazem, e lhe tornam a por segundas

tintas para criar novas penas e de novas cores , e estas são tão vivas e singulares que parecem labirintos, sem que lhe levem vantagem nas cores, as melhores sedas da Europa<sup>15</sup> .

Faz este gentio obras de pedra como jaspe em forma de cruz de malta, insígnia que só trazem os caciques ou principais, dependurada ao pescoço, tão lisas e polidas como marfim lavrado, e a este respeito obram em paus tão duros como ferro, outras curiosidades, sem instrumento de ferro nem aço, e fazem machados de pedra e outras coisas tão dificultosas de se acreditarem.

Este reino é tão grande e dilatado que se lhe não tem dado com o fim; é vastíssimo de gentio e muito fértil pela bondade das terras, o clima é bastantemente frio, a língua boa de perceber, suposto se acham muitas diferentes por corrupção, que a Geral dos Parecis, quase todos entendem, e sendo todos desta nação é desgraça, que não tem uma só cabeça a que todos obedeam como a Rei ou cacique, mas muitos em quem está dividido o governo; são os que me parece se acharam mais hábeis entre todos os mais para se instruírem na fé católica, havendo pregadores evangélicos que a vão ensinar, e suposto que estes gentios de sua natureza são bandoleiros e pouco constantes, como a experiência tem mostrado que perseveram na idolatria se deve esperar que a misericórdia divina há de permitir que algum abrace tanta multidão de pagãos nossa Santa Fé Católica romana, como se espera em Deus o permita assim para maior glória sua, honra e crédito da nação portuguesa e extensão dos domínios de Sua Majestade.

Adiante destes parte outra nação chamada Mahibarez dos mesmos costumes e uso, tanto nas lavouras e trajes como iguais nas armas, e em quantidade são infinitos que se não podem numerar, estes só tem alguma diferença em algumas palavras na linguagem, e tem as orelhas com buracos mui largos que em alguns lhe chegam ao ombro, estes sendo vizinhos dos Parecis usam de suas traições e rapinas para roubá-los de seus bens e plantas, e também nestas rapinas, matam aos que podem, e só não entendem com o mulhero, e estes também usam de seus ídolos como os mesmos Parecis, e usam das mesmas armas e demais trazem umas adagas feitas de pau mui rijo. Este gentio fica para a parte do norte, e daí se segue mais gente que não

---

15 - Esse fato de se pintar a pele de aves para que suas penas saiam de colorido diverso do original, indiscutivelmente foi fruto da imaginação do autor. Cientificamente isso é impossível.



posso declarar porque lá não cheguei.

Por todos os rios por onde habitam os Parecis, e todos os mais que não posso nomear correm as suas águas para o Grão Pará e desta Capitania indo para baixo também habitam outras nações que confinam com o Grão Pará<sup>16</sup>. Os do fronteiro chamam-se Poritacas, estes vizinham com outra nação chamados Cavihis<sup>17</sup>, estes vivem de andar a corso matando gente para seu sustento e com a mesma carne criam seus filhos, por cuja causa são mui temidos, e para diante vai mais gentio e aldeias aonde não cheguei, e para esta parte dou fim à minha narração e notícia deixando de dizer muitas coisas que vi nestes sertões<sup>18</sup>, como foi no ano de 1727 no sertão dos Cavihis, entrando em uma aldeia cujos moradores andavam a corso, dando-nos um grande fedido que se não podia suportar, e entrando nas casas que eram boas achamos nelas muitas vasilhas cheias de carnes humanas, que tinham a apodrecer, para fazerem seus vinhos e mais guisados de que usam; achamos as casa por cima esteiradas de paus, e naqueles sobrados muitas caveiras, canelas e mais ossos de corpo humano, o que guardam aqueles bárbaros para seu timbre porque quem mais ossada tem, maior honra adquire entre aquela gentilidade, e andando observando estas e outras coisas semelhantes, se veio recolhendo o gentio da dita aldeia, que eram mui agigantados, valentes e atrevidos, e nos obrigaram a por em retirada, sem embargo de a fazer com cento e trinta armas de fogo<sup>19</sup>, que eles mesmo temem; e me não alargo mais a dar notícias de outras coisas semelhantes, assim por falta de tempo, como por serem sabidas, dos que cursam sertões, e não causar espanto aos que ela ignoram; e para continuar a narração que a vossa mercê vou dando<sup>20</sup>, torno ao rio dos Porrudos que havia deixado.

Deixado o grande rio do Paraguai e subindo pelo dos Porrudos<sup>21</sup> acima, habitam os gentios chamados Tacohaca, Guellechez, Ariaconez, estes usam andar embarcados, e vivem de corso e montaria, os homens andam nus e as mulheres com seus reparos de fio, as suas armas, lança, arcos, flechas, estes têm por seu distrito até a barra do rio Cuiabá.

16- No início do século XVIII, antes de se iniciar a navegação do rio Guaporé, do Arinos e Tapajós para o Grão Pará, não se tinha com muita propriedade a noção da distância entre as Minas do Cuiabá e as capitânicas do Norte, a do Grão Pará e Maranhão. Por isso, esses erros geográficos, mencionando que as tribos confinam com as terras do Grão Pará.

17 - Possivelmente *Cavihis* são hoje os índios da tribo dos Cabixis

18 - Pelo seu relato, confirma nessa precisa frase, que realmente o autor andou pelos sertões e entrou em contato com os índios a que relaciona. Vários indícios dá Antonio Pires de Campos em seu relato, que conheceu pessoalmente os índios a que descreve e que tenha entrado em contato com eles todos.

19 - Fica muito clara, nessa assertiva, o fato da presença pessoal do autor, junto a tribo dos Parecis, a ponto de ter que efetuar uma retirada estratégica, ainda que bem armado.

20 - Por essa frase, percebe-se claramente que escreveu o presente relatório, por encomenda de alguém, e esse alguém, é o tal "Vossa Mercê" para quem vai fazendo a narração.

21 - Rio Porrudos, atual rio São Lourenço. Nele o Cuiabá desemboca, para logo em seguir atingir o rio Paraguai. Nessa região, no século XVIII, viviam os índios Porrudos, provavelmente os mesmos Bororos que até hoje lá habitam.

Tornando pelo dito rio do Cuiabá acima, habita na paragem chamada o Arraial Velho<sup>22</sup>, a nação chamada Elives, estes eram repartidos em muitos lotes e tinham outros vizinhos chamados Cuchianés, estes eram da mesma linguagem e costumes, iguais na armas, de arcos, flechas, porretes e viviam em uma pura guerra, comendo-se uns aos outros, estes tinham por distrito o vão do rio Cuiabá e Porrudos.

Subindo o rio Cuiabá acima habita a nação chamada Guachevanéz, repartidos em muitos lotes, a saber os nomes Curianez, Guahonez, Candaguaris, Pavonez, Guallez, Cataxos, Bobiarez, estes tinham algumas guerras uns com os outros sendo da mesma língua e do mesmo viver, os que ainda hoje há quando tem algumas, fazem logo pazes com casamentos de filhos e filhas, vivem nus, as mulheres usam de seus reparos de fios; estes são de terra firme e também usam de canoas para as suas montarias, as armas são as costumadas de lança, arco e flecha. Subindo mais para cima vem um rio dar neste do Cuiabá, que lhe chamam de Cuiabá-Mirim, que nasce de uma baía na qual habitava um lote de gentio chamados

Cuiabás<sup>23</sup>. Estes usavam de canoas e nos trajes e costumes eram como os acima nomeados, e tinham paz com todos por serem mansos e pacíficos. Estes têm outros vizinhos terra a dentro, chamados Chacrurez, mui valentes e guerreiros, que sendo poucos tiveram sempre guerras com muitos, é gente de corso, e vivem de montarias, os trajes é andarem os homens nus e as mulheres com seus reparos de enviras, as armas são as costumadas, e só usam de mais de um garrote de duas mãos.

Subindo mais acima pelo rio Cuiabá, habitam as nações Tuetez, Japez, Cruanez, Gregorez, Curianez, os costumes e armas de todos estes é o mesmo que os chamados Chacrurez, e só tem a diferença de não serem tão guerreiros como os ditos, e subindo mais acima pelo dito rio habitava a nação chamada Tamoringue, estes eram repartidos em dois lotes de um costume, e da mesma linguagem, tanto nas armas, como no traje, e subindo mais acima habitavam dois lotes chamados Aricás e Poconeze, estes usavam por onde quer que andavam de suas tranqueiras por viverem receosos de outros gentios; nos costumes e trajes eram como os outros, e da outra banda fronteando com estes mesmos habitavam outros chamados Copemirins,

---

22 - Esse arraial velho estava localizado na margem esquerda do rio Cuiabá, há dois ou três dias de canoas da confluência desse rio com o Paraguai e há 15 dias de viagem fluvial até a vila do Cuiabá. Chama-se arraial velho, por que aí estava acampado Pascoal Moreira Cabral quando Antonio Pires de Campos lhe deu notícias acerca dos índios Coxiponés. Nesse local, também chamado de Aterrado ou Casa de Telha, ou ainda Carandã, foi plantado um famoso bananal que abastecia tanto índios como bandeirantes, constando que o mesmo fora plantado pelo irmão Leme em 1720. Nesse mesmo Arraial Velho, Antonio Pires de Campos instituiu um Registro de Cargas em 1726, do qual era Provedor. No Arraial Velho morava Pascoal Moreira Cabral no fim de sua vida, e possivelmente, aí tenha falecido.

23 - Esta notícia dada pelo autor, da existência de uma tribo de índios Cuiabás, nas cabeceiras do rio desse nome, vem trazer mais luzes, ou mais confusão, na explicação da origem do nome CUIBÁ. Não há que se desprezar tal informe, face a ancianidade e credibilidade do relatório de Antonio Pires de Campos. Trata-se esta, da mais antiga explicação sobre a origem do nome Cuiabá.

gentios muito valentes e vistosos, os costumes e trajes o mesmo que os mais de corso e guerreiros.

Subindo mais acima habitava outra nação chamada Cochiponé, estes tinham por distrito todo o circuito do Coxipó, viviam de corso e de montarias; nas armas e trajes o mesmo que os mais. Subindo mais acima pelo rio Cuiabá habita outro lote chamado Puponez e tinham por distrito o Coxipó Açu; nos trajes, costumes e armas como os acima.

Entre estes dois rios Coxipós, que fazem barra no do Cuiabá subindo para cima da parte direita aonde está um ribeirão que faz barra no dito rio Cuiabá<sup>24</sup>, se descobriram as minas do Cuiabá em o ano de 1719 e 1720 pelo capitão Pascoal Moreira Cabral Leme, que depois foi guarda mor delas, em 1721 mandou o general Rodrigo César de Menezes a S.M. que foi o primeiro que pagou de quintos, que veio com a notícia daquele descobrimento, ao qual deu tão vigoroso sabor ao dito general, escrevendo aos paulistas e mais pessoas que nele se achavam, e animando a outras a que passassem aquele sertão que com efeito conseguiu o seu estabelecimento, e passando a ele por ordem que teve de S.M. em 7 de julho de 1726, chegou às ditas minas em 15 de novembro do dito ano, e no 1o. de janeiro do ano seguinte criou a vila que se chamou Vila Real do Senhor Bom Jesus.

Continuando a subir o rio do Cuiabá faz barra nele o rio Manso, habitava nele outro lote de gentio chamado Pupuz, e subindo mais acima habita a nação chamada Araripoconez; estes são dois lotes e demandam de muita gente, eles muito valentes e muito guerreiros, senhores de suas armas e muito temidos de todos, e subindo mais acima habitam os Acopoconez, também são dois lotes muito grandes e também muito guerreiros, em grande forma gentio muito vistoso.

Subindo mais acima habita outro lote que lhe chamam Tambeguiz, subindo mais acima habita outro lote chamado Itaporez, este é um lote também de boa gente, e subindo mais acima, às cabeceiras do dito rio, na chapada habita outro lote o qual anda por 600 fogos; este chama-se Itaporé Mirim<sup>25</sup>.

24 - Entre os rios Coxipó Mirim e Coxipó Guassu existem vários ribeirões, sendo o maior, o córrego da prainha, onde realmente se instalaram as Lavras do Sutil, posteriormente vila do Cuiabá. Todavia, o autor mencionava terem sido estas lavras fundadas em 1719 e 1720, quando na realidade Miguel Sutil só descobriu as minas cuiabanas em outubro de 1722. Antonio Pires de Campos deva ter feito alguma confusão de data: entre 1719, fundação do arraial de São Gonçalo Velho, nas margens do Coxipó eo o Cuiabá, o arraial da Forquilha, em 1721, no Coxipó eo o ribeirão Mutuca e o arraial do Cuiabá, em 1722, nas margens do Prainha. Um mero lapso do autor.

25 - É duplo o entendimento dessa frase. Não se pode precisar se o "este" usado pelo autor refere-se ao rio ou ao lote de índios. Provavelmente, por ter logo acima se referido a índios Itaporez, o denominado Itaporé Mirim seja uma tribo, ou "lote" menor, com menos quantidade de habitantes, daí o mirim. O Itaporé maior e o Itaporé menor. Salvo engano histórico.

Todos estes nomeados são do mesmo viver e traje, assim em armas como em tudo mais, são de corso, e chegam com as suas bandeiras a fazer mal ao gentio chamado Bacairis, que estão sobre as vertentes Maranhão, e daí se seguem várias nações de gentio, que tenho por notícia, são as aldeias infinitas e todo o gentio mui guerreiro e senhores de suas armas.

Trata-se agora do rio Porrudos: subindo por ele acima habita o primeiro lote de gentio chamado Taraqui, lote pequeno mas muito valente. Este em certo tempo usam de canoas, é gentio de mantimentos e aldeias, usavam de muita mandioca, batatas, abóboras e tabaco. Os trajes suas palhinhas nas partes verendas, as mulheres com seus reparos de fios, e subindo mais acima habitam os chamados Araripoconez e são dois lotes valentíssimos pelas suas armas; usam de arco, flecha e garrotes de duas mãos, estes vivem de corso e de montarias; subindo mais acima habitam os Cruarás, também são três lotes de gentio muito grandes, este dão guerra aqueles vizinhos chamados Araripoconez e fazem grande estragos uns aos outros só afim de dizerem que são valentes, também vivem de montarias, nas armas e nos trajes não há diferença, e subindo mais acima nas cabeceiras do próprio rio habita o gentio chamado Porrudos, resto de muitíssima gente e este senhoreavam todo o rio, é gente de língua geral, e aldeados com muitos mantimentos, e também usavam de canoas de cascas, e o seu modo de remar era sentados, e o resto deles que há hoje dizem são governados por um doméstico que fugiu da companhia dos brancos.

E passando para outras vertentes habitam muitas nações de gentios as quais não posso declarar por não ter andado o seu distrito, isto dizem ser cabeceiras do Maranhão<sup>26</sup>. Neste rio dos Porrudos faz barra outro chamado Piquiri nas cabeceiras do qual habita uma nação chamada Vanhereis, e são três lotes aldeados, gentio de muito mantimento, valentes pelas suas armas, estes resistem aos Caiapós sendo uma das nações temidas pelas suas astúcias e traições, pelas quais basta um só caiapó para destruir uma tropa de quinhentas armas de fogo, sendo em qualquer deles usual correr tanto como um cavalo<sup>27</sup>.

Isto é o de que por agora posso dar notícia. E pela brevidade do tempo o não faço com mais distinção o que faria se me desse parte mais cedo<sup>28</sup>. Todos estes sertões e gentios de que dou notícia foram descobertos

26 - Entende-se "... cabeceiras do Maranhão.", como as cabeceiras, as nascentes dos rios que correm em direção norte, para a Capitania do Maranhão. Já se disse anteriormente na Nota 17 que, no início do século XVIII, antes de se iniciar a rota para o Pará pelos rios Guaporé, Arinos e Tapajós, não se tinha a perfeita noção de distância das minas do Cuiabá até as Capitanias do Norte, Grão Pará e Maranhão.

27 - Obviamente houve um exagero nas colocações do autor em ambas as assertivas, com relação aos índios da tribo dos Caiapós.

28 - Essa última frase é mais um indicio de que o relato fora escrito por solicitação de alguém. "...se me desse parte mais cedo", significa, se alguém solicitasse, se pedisse, se encomendasse o relatório antes ao autor Antonio Pires de Campos.

pelos paulistas.

Transcrito de: Revista do Instituto Histórico e Geográfico  
Brasileiro, tomo XXV, 1862, p. 437/449

Notas de rodapé: **Paulo Pitaluga Costa e Silva**, do IHGMT

## **CAMINHOS DO SERTÃO**<sup>1</sup>

“Uma folha avulsa, que forma o n. 18 do Cod. CXVI/2-13 da Biblioteca de Évora, contém o breve roteiro dos caminhos que no século XVIII os paulistas faziam para penetrar no Cuiabá. É obra de anônimo autor, decerto um prático de tão perigosas e dilatadas viagens”<sup>2</sup>

## **ROTEIRO DOS CAMINHOS DOS PAULISTAS PARA O SERTÃO DO CUYABÁ**<sup>3</sup>

Da cidade de S. Paulo á villa da Parnayba<sup>4</sup> há um dia de viagem; quem leva carga gasta 2 dias neste caminho. Da villa de Utú<sup>5</sup> ao perto do rio hé uma légoa. De S. Paulo athé este logar não permite o rio navegação, pellos precipicios de suas pedras. De Utú para baxo se ajuntão as canoas, e

1 - Este título deva ter sido dado pelo editor da Revista “Documentos dos Arquivos Portugueses que importam ao Brasil”, que pela primeira e única vez publicou o manuscrito.

2 - Nota inserida pelo editor

3 - Título original do manuscrito colocado pelo próprio autor anônimo

4 - Cidade de Santana do Parnaíba, estado de São Paulo, fundada no século XVII, berço de inúmeros bandeirantes e sertanistas

5 - Cidade de Itu. No século XVIII encontramos documentos que a ela se referiam mencionando Ytu, Outu, Utu